

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

À FLOR DA PELE

23 e 29 de agosto de 2025

UNDER THE SKIN / 2013

(Debaixo da pele)

um filme de Jonathan Glazer

Realização: Jonathan Glazer / **Assistente de Realização:** Nick Heckstall-Smith, Mark Murdoch / **Argumento:** Jonathan Glazer, Walter Campbell, Milo Addica (baseado no livro de Michel Faber) / **Montagem:** Paul Watts / **Direção de Fotografia:** Daniel Landin / **Direção de Arte:** Emer O’Sullivan, Nicki McCallum / **Design de Produção:** Chris Oddy / **Operadores de Camara:** Stuart Howell, Nathan Mann, Derrick Peters, Simon Surtees / **Efeitos Especiais:** Tony Turner, Tony Skinner, David Plewis, Ken Batten, Sam Hue Vashon, Andy Walsh, Bem Lewens / **Efeitos Visuais:** Tom Debenham, Antony Bluff, Earle Stuart Callender, Dominic Parker, Tim Field, Huseyin Caner, Rachael Penfold, Chaya Feiner, Emma Ibbetson / **Figurinos:** Stephen Noble / **Casting:** Kahleen Crawford, Caroline Stewart / **Composição:** Mica Levi / **Som:** Steve Browell, Johnnie Burn, Ed Downham, Steve Single, Joe Mount, Nigel Albermaniche, Barnaby Smyth, Jason Swanscott, Margarita Osepyan, Alissa Timoshkina, Alex Nicholls-Lee, Billy Mahoney / **Intrepertação:** Scarlett Johansson, Jeremy McWilliams, Lynsey Taylor Mackay, Dougie McConnell, Kevin McAlinden, D. Meade, Andrew Gorman, Joe Szula, Kryštof Hádek, Roy Armstrong, Alison Chand, Ben Mills, Oscar Mills, Lee Fanning, Paul Branningan, Marius Bincu, Scott Dymond, Stephen Horn, Adam Pearson, May Mewes, Michael Moreland, Gerry Goodfellow, Dave Acton, Jessica Mance, Antonia Campbell-Hughes.

Produção: Film4 Productions, BFI / **Produtores:** James Wilson, Nick Wechsler, Alexander O’neal, Gillian Berrie / **Cópia:** DCP, cor, legendado eletronicamente em português / **Duração:** 108 minutos / **Estreia Mundial:** Telluride Film Festival, 29 de agosto de 2013 / **Estreia em Portugal:** 8 de maio de 2014 / Primeira exibição na Cinemateca.

Jonathan Glazer tem estado nas bocas do mundo. Depois de um hiato de quase uma década, que, por esta altura mais parece regra do que exceção — dado que o mesmo intervalo separa **Birth**, a sua segunda longa-metragem, de **Under the Skin**, que antecede este último —, o realizador britânico regressou com **The Zone of Interest**, entrando para quase todas as listas de melhores de 2024 e arrecadando tanto o Grande Prémio em Cannes como o Óscar de Melhor Filme Estrangeiro. Mas a estes intervalos, para ser justo, não se podem chamar silêncios. Glazer é conhecido pelo seu trabalho em publicidade e nos videoclips (Massive Attack, Nick Cave, Radiohead, Blur), e isso é grande parte do que o tem mantido ocupado.

Para a estreia do realizador na Cinemateca não vamos recorrer ao seu mais recente sucesso, mas sim ao muito menos consensual – mas na minha opinião superior- filme que o colocou no mapa: **Under the Skin**. Este antecipou, de certa forma, a notoriedade que **The Zone of Interest** viria a alcançar, porque introduz de forma mais evidente a capacidade de Glazer para construir um cinema atmosférico, que não se limita ao que se vê na superfície narrativa. A história é simples: uma mulher alienígena percorre as ruas da Escócia, seduzindo homens solitários para os conduzir a um destino misterioso. Não sabemos de onde veio, ou porque o faz. O enredo não é o foco, e esta proposta narrativa parece antes uma tentativa de trazer alguma ordem ao caos – o que torna ainda mais impressionante que tenha havido dinheiro e disponibilidade para produzir este filme cuja própria existência é já uma vitória. O interesse está, e talvez esta seja a palavra-chave, nos espaços liminares.

No intertexto que dá início ao **Sayat Nova**, celebrada biografia do poeta homónimo que aqui vimos há pouco tempo no ciclo dedicado a Serguei Paradjanov, lemos: “Este filme não tenta contar a história de vida do poeta, em vez disso, o cineasta tenta retratar o mundo interior do poeta”. Talvez **Under the Skin** nos ofereça um exercício semelhante – e digo exercício porque este exige um *espectador emancipado* -, que, não estando tão apoiado na riqueza pictórica da composição – tem outras ferramentas a que já chegaremos -, aposta igualmente numa desconstrução da narrativa – sempre simples - em percepções, silêncios e atmosferas. O resultado é um filme que não se organiza em torno do que acontece, mas da forma como acontece. Não é a história de um ser vindo do espaço, mas a construção sensorial do seu ponto de vista. Tal é possível graças a um conjunto de procedimentos, formais e de produção ancorados numa dissolução controlada da fronteira entre a ficção e o documentário, onde Scarlett Johansson é largada nas ruas de Glasgow “à paisana”, com câmaras escondidas que captam as suas interações com transeuntes e atores. Jonathan Glazer recolhe assim reações genuínas que conferem às sequências uma autenticidade inquietante, em contraste com a atmosfera surreal e onírica de algumas cenas ficcionais. O espectador nunca sabe ao certo em que território se encontra — se no registo documental das interações, se no espaço simbólico da ficção científica. Mas, ao invés de explicar, Glazer radicaliza a experiência visual, fazendo coexistir dois regimes de imagem que, juntos, criam um cinema que roça a vídeo-arte, onde não se mostra, sente-se. Essa fusão intensifica-se a sensação de desconforto: o quotidiano surge sob um olhar estrangeiro, e o espectador partilha a mesma perplexidade do *alien*, que observa a humanidade – não ficcionada, mas filmada com uma autenticidade fiel à ética do *cinema vérité* - sem a compreender plenamente.

Essa deslocação manifesta-se também no modo como o corpo da atriz é filmado: não há erotismo, apenas uma observação clínica e distante, anatómica, quase científica, que sublinha a estranheza da presença alienígena. A câmara segue Johansson de perto, mas sem voyeurismo, explorando a tensão entre a familiaridade do espectador com a beleza da atriz e a inquietação de a ver despojada do seu glamour habitual. Uma *femme fatale* reduzida a pura alteridade.

Mas por esta altura já pouco nos surpreende, porque ficamos logo apresentados na primeira cena, onde uma sucessão de formas geométricas, luzes e sons abstratos sugere uma espécie de nascimento ou construção de um olhar — como se víssemos a própria máquina alienígena da percepção a formar-se diante dos nossos olhos. Este prólogo à Kubrick, quase cósmico e sem qualquer ligação imediata à narrativa, prepara o terreno para o que aí vem... um filme que privilegia a experiência sensorial. Essa tensão prolonga-se nas sequências em que os homens são atraídos pelo *alien* para o interior da casa. Num espaço minimalista e abstrato, filmado como um não-lugar, os corpos masculinos vão sendo engolidos por uma superfície líquida negra, desaparecendo em silêncio absoluto. Aqui a atonal (só podia) banda sonora de Mica Levi – também responsável pela de **Zone of Interest** – que ora irrompe com cordas dissonantes que cortam o silêncio, ora recua em pulsos quase inaudíveis, tem um papel fulcral, criando ainda mais um contraste neste filme que está sempre nos “entres”.

O realizador aposta, paradoxalmente, em fazer com que o espectador descubra o verdadeiro assunto do filme fora do tema proposto. Tal estratégia é possível porque o filme se alimenta das percepções, tensões e emoções que provoca – e não impinge - ao espectador, transformando-as em ferramentas de produção de significado. **Under the Skin** respeita realmente quem o vê, e rege-se por essa metodologia – o que também é possível graças à natureza mais experimental da obra - estabelecendo um verdadeiro diálogo entre as duas partes para uma criação conjunta. Porque este é um filme-experiência; Um videoclipe sem música; Uma atmosfera de desconforto.

Zone of Interest pega nestas ferramentas como receitas e leva o espectador a construir o significado que o filme pretende, é um filme manipulador... mas isso é conversa para outra ocasião.